

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº625
De 10 de novembro
a 24 de novembro
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



20 DE NOVEMBRO: ÀS RUAS

CONTRA O RACISMO, A FOME, A CARESTIA E A EXPLORAÇÃO **FORA BOLSONARO E MOURÃO!**



2022

Direita tradicional e PT querem o lugar de Bolsonaro para manter a mesma política de Guedes **Página 5**

DEBATE

Racismo estrutural: reconhecendo o racismo sem identificar os racistas **Página 10**

POLO SOCIALISTA

Plenárias fortalecem alternativa socialista e revolucionária **Página 6**



PDF INTERATIVO

CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

CHARGE



“ Sabemos, a Petrobras é independente, infelizmente. E nós estamos buscando uma maneira de ficar livre da Petrobras. Fatiar bastante, quem sabe partir para uma privatização. ”



Jair Bolsonaro, reafirmando sua intenção em “se livrar” da Petrobrás diante da pressão crescente contra o sucessivo aumento de preços do combustível. Curiosamente, é justamente por atuar como uma empresa privada, em prol dos lucros dos acionistas estrangeiros, que ela repassa os preços em dólares no país

Combo Novembro Negro

De R\$ 80,00
por R\$ 56,00



Sundermann
whatsapp: (11) 98649-5443

REDES SOCIAIS

Os segredos do Facebook

Documentos internos do Facebook, vazados por uma ex-funcionária, revelam alguns dos mecanismos que estão por trás dos misteriosos algoritmos que ditam o funcionamento da rede social. Essencialmente, mostram como a empresa de Mark Zuckerberg, em busca de mais lucros, impulsionam conteúdos de extrema-direita.

Uma dessas medidas é a “preferência” do Facebook por postagens que contenham mais interações, o que, em tese, facilita perfis de consumo. Ao mesmo tempo, porém, as postagens legadas à extrema-direita e que difundem preconceitos também surfam essa onda. Posts “polêmicos” tendem, assim, a ter maior visibilidade e alcance.



Mesmo detectando esse viés, a empresa nada fez.

Outra revelação é a de um mecanismo que permite à empresa de Zuckerberg restringir conteúdos de movimentos que considere “nocivos”, mesmo que estes não contrariem as normas da plataforma. A partir de um critério totalmente unilateral, o Facebook pode re-

duzir consideravelmente o alcance de determinado movimento. Sabe-se, por enquanto, de movimentos específicos da ultradireita que sofreram com a censura, mas nada garante que essas restrições não se voltem, também, contra movimentos sociais, populares e de esquerda. Aliás, se é que já não se voltaram.

NICARÁGUA

Ditadura de Ortega avança

No último dia 7, foram realizadas as eleições que deram o quarto mandato para Daniel Ortega na presidência da Nicarágua. Apesar de pesquisas indicarem a baixa popularidade do sandinista, Ortega foi eleito com 75% dos votos. Parece estranho. E, de fato, é. Na verdade, o que ocorreu foi um arremedo de eleição, como em qualquer ditadura.

Nada menos que sete candidatos de oposição foram presos no país. No último período, três partidos foram declarados ilegais e mais de 30 lideranças (de diversos espectros políticos) também foram detidos. As eleições foram realizadas sob um forte esquema de segurança.

Daniel Ortega, no comando da



Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), dirige o país com mãos de ferro numa escalada repressiva que se aprofundou depois de uma onda de protestos populares em 2018, quando trabalhadores e setores populares foram às ruas contra uma reforma da Previdência que atacava duramente os direitos da população. A repressão deixou dezenas de mortos.

Ortega tem imposto um regime repressivo, enquanto acumula bilhões através de suas empresas e acordos de cooperação com a Venezuela, como na distribuição de petróleo. Não por acaso, Maduro mandou uma mensagem de apoio ao colega, o parabenizando antes mesmo do término da votação.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917



opinio@pstu.org.br



Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Fora o racismo, a exploração e esse governo genocida

Vinte de novembro é Dia da Consciência Negra. Neste ano, uma data para juntarmos as lutas em defesa dos negros e negras e todas as demais lutas da classe trabalhadora e dos setores populares da cidade e do campo. Por salário e contra o arrocho e a carestia; por emprego; contra a reforma administrativa e em defesa dos serviços públicos; contra o Marco Temporal e em defesa da regulamentação das terras indígenas e quilombolas, e por reforma agrária.

UM DIA TAMBÉM PARA IRMOS ÀS RUAS PELO FORA BOLSONARO E MOURÃO JÁ!

É preciso fortalecer com tudo esse dia de luta. É um absurdo que, após seis grandes atos nacionais pelo Fora Bolsonaro, ao invés de se ter avançado para uma nova mobilização no dia 15 de novembro, a direção da campanha tenha optado por desmobilizá-lo e sequer tenha definido outra data. No lugar de apostar na força da classe trabalhadora mobilizada, partidos como o PT e o PSOL investem em reuniões e alianças com setores da burguesia para 2022. Para quem se lembra das cenas de barbárie na desocupação do Pinheirinho em 2012, chega a embrulhar o estômago ouvir de Lula – o candidato apoiado pelo PSOL e a maioria das centrais e partidos ditos de oposição – que Alckmin “gosta de pobre”.

Como também é inadmissível o fato de a maioria das centrais não atenderem ao chamado da CSP-Conlutas para a construção de uma greve geral em defesa do emprego e salário, contra a alta dos preços e a carestia, por auxílio emergencial de pelo menos um salário mínimo para todos que estejam sem emprego, em defesa da soberania do país, contra as privatizações, em defesa dos indígenas e quilombolas.



Apesar da maioria das direções, é preciso confluir todas as lutas neste dia 20, unindo negros e negras e demais setores da classe trabalhadora na luta contra o racismo e também contra a exploração, esse governo genocida e esse sistema capitalista. Para unir a classe contra o capitalismo, é preciso que o trabalhador branco se some à luta contra o racismo ao lado dos negros e negras; e que os trabalhadores negros chamem os brancos à unidade para, juntos, combaterem o racismo e o capitalismo, por uma sociedade igualitária.

FRENTE AMPLA E TERCEIRA VIA DISPUTAM O CENTRÃO

Enquanto a maioria da força de trabalho do país está fora do mercado de trabalho, e 45% dos moradores das favelas sofrem com o desemprego, o gás de cozinha chega a R\$ 145,00. A inflação disparou para os mais pobres, enquanto os 0,1% dos super-ricos estão cada vez mais ricos.

Junto a isso, o governo Bolsonaro acaba com o auxílio emergencial, deixando pelo

menos 22 milhões sem qualquer fonte de renda, e substitui o Bolsa Família por um programa com validade até as eleições. Aprova o calote nos aposentados e pensionistas com precatórios para receber e abre espaço para inflar com bilhões as emendas secretas, a fim de comprar deputados e irrigar sua campanha eleitoral.

Também de olho nas eleições, a direita tradicional, juntamente com banqueiros e empresários, tenta construir a terceira via. Moro, Doria, Leite, entre outros, buscam emplacar uma candidatura que mantenha o ultraliberalismo e a pilhagem de Paulo Guedes, sem as loucuras de Bolsonaro.

Já o PT e os defensores da Frente Ampla disputam com Bolsonaro e a terceira via as mesmas alianças. Lula fala em Alckmin, e outros nomes também são aventados, como o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG) ou Henrique Meirelles (o formulador do teto de gastos). Todos balões de ensaio e para sinalizar à burguesia que fará um governo ainda mais de direita do que foram os outros.

A maioria da direção do PSOL, por sua vez, se coloca como um apêndice da candidatura Lula e, nos estados, também constrói candidaturas de conciliação com a burguesia, como a de Boulos em São Paulo. Mostra-se espantada diante da possibilidade de Alckmin ser vice de Lula, algo inexplicável, já que o PT foi governo por 12 anos e ainda mais tempo em alguns estados, bem como já fez alianças com políticos do perfil de Alckmin ou até piores. E se for governo, fará de novo: do MDB ao centrão, passando pelo PSDB, PSB ao PSD, tudo é condimento que cabe no bolo burguês de colaboração de classes do PT.

UNIR AS LUTAS E CONSTRUIR ALTERNATIVA DOS TRABALHADORES

É preciso cercar de solidariedade todas as lutas e fortalecer o 20 de novembro. Como afirma a resolução da Plenária Nacional da CSP-Conlutas: “Não podemos nos submeter ao imobilismo planejado de direções burocráticas a serviço do calendário eleitoral.

Buscaremos iniciativas que nos permitam apontar novas ações com todas as organizações e setores de nossa classe que se dispuserem a enfrentar, nas ruas, esse governo.”

Junto a isso, é preciso buscar conscientemente construir uma alternativa de independência de classe, revolucionária e socialista, para que a classe trabalhadora, a juventude e os setores populares possam efetivamente comandar os seus destinos, deixando de estar atrelados à burguesia e a esse tipo de sociedade que produz 0,1% de bilionários e milhões de pobres, desempregados e explorados.

O Manifesto do Polo Socialista Revolucionário é um instrumento de propaganda e de luta, uma ferramenta de trabalho para todo ativista consciente de que temos que construir uma alternativa revolucionária nas lutas e nas eleições, que possa apresentar um projeto socialista para a nossa classe revolucionar o Brasil e o mundo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3HAHTEK](https://bit.ly/3HAHTEK)

ALIANÇAS

Lula (PT) mente: Alckmin (PSDB) não gosta de pobres!

**ROBERTO AGUIAR,
DE SALVADOR (BA)**

A política do Lula e do PT, assim como de seus satélites (PCdoB e a maioria da direção do PSOL), é construir uma frente ampla com setores da burguesia para as eleições de 2022, inclusive com aqueles chamados de “golpistas” (que votaram pelo impeachment de Dilma em 2016).

Agora, a nova investida de Lula é ter Geraldo Alckmin (PSDB), ex-governador de São Paulo, como vice em sua chapa. Os dois já realizaram três encontros este ano. Desde a semana passada, Lula vem dando declarações cheias de elogios a Alckmin. Segundo interlocutores, o petista afirmou que, com Alckmin de vice, poderia “dormir tranquilo”, pois o tucano teria experiência e estatura política. Ajudaria a governabilidade. Além disso, não transformaria a vice em um centro de conspiração e sabotagem para desestabilizar o governo.

E os elogios de Lula chegaram ao campo da mentira, pois o petista teve a cara de pau de afirmar que Geraldo Alckmin é o único tucano que gosta de pobre.

ALCKMIN ODEIA OS TRABALHADORES E O POVO POBRE

Geraldo Alckmin já foi quatro vezes governador de São Paulo pelo PSDB. É um político burguês, da direita, que sempre governou para os ricos. É um inimigo declarado dos trabalhadores e do povo pobre. Sempre impôs uma política higienista, de segregação social, bem típica dos governos tucanos.

Buscando reeditar a política de conciliação de classes para derrotar eleitoralmente Bolsonaro - e não nas ruas - Lula mente ao dizer que Alckmin “gosta de pobres”. É uma declaração que desrespeita todas as lutas da classe trabalhadora contra os ataques que foram impostos pelos sucessivos governos do PSDB em São Paulo.

Vamos pontuar alguns exemplos para mostrar que Lula mente e que Alckmin odeia os pobres:

- Em 2012, quando era governador de São Paulo, Alckmin autorizou a expulsão de 1,5 mil famílias do Pinheirinho, que desde 2004 ocupavam um terreno abandonado na cidade de São José dos Campos (SP), utilizado para



fins de especulação imobiliária pelo empresário corrupto Naji Nahas. As famílias foram expulsas de forma violenta por uma megaoperação da Polícia Militar, considerada a maior da história do Brasil, condenada por diversos setores da sociedade, que ganhou repercussão nacional e foi classificada como “massacre”.

- Em 2013, Alckmin e Haddad (PT) reajustaram a tarifa do transporte público em São Paulo, o que gerou uma grande mobilização popular

e deu início ao processo de luta conhecido como “Junho de 2013”. A resposta de Alckmin aos protestos foi “tiro, porrada e bomba”. A violenta repressão da Polícia Militar de São Paulo gerou uma revolta e proporcionou o aumento dos atos de rua em todo o Brasil.

- Em 2014, os metroviários realizaram a maior greve da história da categoria contra a política de sucateamento e de privatização do metrô de São Paulo pelo governo de Alckmin. O tucano que o Lula disse que gos-

ta de pobre recorreu à Tropa de Choque da Polícia Militar para reprimir os grevistas e demitiu 37 metroviários.

- Em 2015, trabalhadores da educação realizaram uma longa greve, com mais de 90 dias de paralisação. Geraldo Alckmin se negava a negociar, dizia para a imprensa que a greve não tinha o menor sentido e descontou os dias parados nos salários dos trabalhadores.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3WHCAZZ](https://bit.ly/3WHCAZZ)**

SAÍDA

Construir uma alternativa socialista



Apenas esses quatro exemplos mostram que é mentira que Alckmin é um tucano que gosta de pobre. Lula elogia um burguês, inimigo declarado dos trabalhadores e do povo pobre, na busca por construir sua frente ampla, com a desculpa de que é preciso derrotar Bolsonaro.

Lula, PT, PCdoB e a direção majoritária do PSOL tentam reeditar um projeto de

conciliação de classe, o mesmo que o PT aplicou em nosso país por 14 anos, impondo reformas neoliberais, ajustes fiscais e atacando direitos históricos dos trabalhadores.

Frente ampla com a burguesia não. Nossa tarefa é construir um polo socialista e revolucionário. Não achamos que a unidade para derrubar Bolsonaro deva levar à defesa de um governo de unidade com

setores da burguesia que agora estão contra ele. São duas questões diferentes: a unidade de ação para derrubá-lo e a composição do novo governo.

Por isso, o PSTU está na batalha pela construção do polo socialista e revolucionário, com independência de classe, que faça a defesa de um projeto socialista para o Brasil e para o mundo.

ELEIÇÕES

Campanha eleitoral antecipada



DA REDAÇÃO

A campanha eleitoral começou. É a prioridade do governo, do Congresso, das organizações empresariais e da maioria dos partidos, das centrais e organizações burocráticas, nos movimentos sociais. De Bolsonaro, passando pelos candidatos à “3ª via”, chegando ao PT e ao PSOL.

A 3ª VIA ENTROU EM CAMPO

A maioria da burguesia entrou em campo pela “terceira via”. Em 18 de outubro, Roberto Setúbal, do Itaú, disse ao “O Estado de S. Paulo” que “os favoritos à disputa, hoje – o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Lula –, já tiveram sua chance, mas não conseguiram fazer as reformas necessárias para o crescimento sustentado do Brasil.” Também falando ao “Estadão”, em 7 de novembro, o presidente da Associação Bra-

sileira do Agronegócio (ABAG), Marcelo Britto, bateu na mesma tecla, afirmando que o apoio ao atual presidente, Jair Bolsonaro, no setor, não passa de 30% e que vê muito espaço para uma terceira via.

Foram lançados novos nomes da 3ª via. Alguns como “Plano B”. É o caso do ex-ministro de Bolsonaro, Sérgio Moro, apresentado pelo Podemos. Ele espera decolar nas pesquisas, caso contrário vira candidato ao Senado. Além de ter ficado famoso por apostar em figuras como a Mulher Pêra, seu partido está bem distante da imagem anticorrupção que Moro tenta reviver: a presidente é investigada por lançar candidatas laranjas e o Secretário-Geral recebeu dinheiro no “Mensalão do DEM”.

EM BUSCA DE QUEM GARANTA A MAIOR PILHAGEM

Não é possível saber se a 3ª via conseguirá decolar. Há razoável fragmentação, expressa na



Sérgio Moro, provável pré-candidato pelo corrupto Podemos

Foto: Lula Marques

falta de um nome que unifique a burguesia. Mas, vão tentar.

A maioria da burguesia não teme Lula, mas, por dois motivos, hoje, prefere uma 3ª via.

Querem garantir um patamar maior de liberalismo. Mesmo o antigo PSDB não foi

Thatcher, foi Clinton. O PT manteve a estrutura neoliberal do PSDB. Mas, perante a crise e a decadência do país, a burguesia quer acelerar e aprofundar o liberalismo. E, também, partidos como PSDB e DEM querem o Estado nas

sua mãos, como um instrumento de pilhagem.

Se ela não decolar, como disse o ex-ministro Mailson da Nóbrega ao jornal “Zero Hora”, em 3 de outubro: “Entre Lula e Bolsonaro, o mercado vai de Lula”.

CONCILIAÇÃO DE CLASSES

Lula quer ser governo de “unidade nacional”

O PT quer ser um governo com compromissos ainda maiores com a burguesia do que os assumidos em seus mandatos anteriores. Podemos entender que setores dos trabalhadores tenham ilusões. Mas, nenhuma corrente de esquerda poderia se espantar que Lula busque Alckmin para vice. O PT já teve Temer como vice, é aliado de Jader Barbalho, Renan Calheiros e um longo etc. Alckmin não é diferente deles. O pior cego é o que não quer ver.

Durante jantar com empresários e banqueiros, em São Paulo, no mês passado, Fernando Haddad disse que o PT não é de esquerda. Já Gleisi Hoffman escreveu no Twitter: “Biden revolucionando a economia capitalista. Nunca pensei que depois de Franklin Delano Roosevelt, admiraria um presidente americano: crescimento de baixo para cima! É o que precisamos para a Améri-

ca Latina. É o que precisamos para o Brasil!”. Enfim, Haddad tem razão.

AS RELAÇÕES DO PSOL E BOULOS COM O PT E A BURGUESIA

O jogo bruto da campanha teve também uma do PCO, o mais lulista dos partidos brasileiros e produtor de “fake news”, falsificações e calúnias no estilo estalinista. Essa semana, chamou Boulos de “agente da CIA”, em função das relações do dirigente do PSOL com o advogado Walfredo Warde Jr., dono de um escritório burguês na Faria Lima.

Toda pinta do material é de ter sido encaminhado por um setor do PT paulista. Impresão tão forte que obrigou a revista “Carta Capital” a negar a história. Mesmo que, de tão absurda, tenha virado chacota, a calúnia do PCO deve ser repudiada. Mas, o fato é que as relações do PSOL e de Boulos com

o tal escritório evidenciam laços orgânicos com a burguesia.

A opção do PSOL em apoiar Lula no 1º turno atesta um curso à direita, como o do Podemos espanhol e do Bloco de Esquerda, no governo “Gerin-gonça”, em Portugal.

É NECESSÁRIO APRESENTAR UMA ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA

A crise social, a necessidade de botar fora Bolsonaro e por fim à superexploração e à pilhagem exigiram uma ação unificada dos trabalhadores. Mas, partidos que têm vínculos com a classe trabalhadora e também têm relações orgânicas com a burguesia, sendo dependentes do Estado burguês, como o PT, operam para que não haja uma mobilização independente dos trabalhadores.

É o que explica que, enquanto parte do povo passa fome, a ação de Lula seja conversar com Alckmin, Renan



Calheiros, Eunício de Oliveira etc. O PT e a maioria do PSOL têm a disputa eleitoral como centro de sua estratégia, porque, para eles, o objetivo é governar o capitalismo em colaboração com a burguesia.

Mas, a antecipação da campanha eleitoral é fato e, contraditoriamente, também, expressão da profundidade da crise.

Os revolucionários devem responder a isto de maneira inversa à esquerda “da ordem”: devemos disputar o processo elei-

toral com um projeto socialista e de independência de classe, a serviço do avanço das lutas, da consciência e da organização do movimento operário e popular.

Revolucionários que não disputarem estarão se abstendo de combater a burguesia e os seus agentes no interior do proletariado. Por isso, é preciso apresentar uma alternativa socialista e revolucionária também nas eleições.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3D7CVHJ](https://bit.ly/3D7CVHJ)

ALTERNATIVA

Plenárias e reuniões nos estados avançam na construção do Polo Socialista e Revolucionário



DA REDAÇÃO

A discussão em torno ao Manifesto pela construção do Polo Socialista e Revolucionário vem se ampliando, com atividades realizadas nos estados. Lançado nacionalmente em 7 de outubro, em uma plenária virtual que reuniu mais de 1.400 pessoas de diversas organizações políticas, movimentos sociais (da cidade e do campo) e de lutas contra as opressões, o Manifesto já conta com quase 2.200 assinaturas.

O Polo Socialista e Revolucionário busca reunir todos e todas que seguem sustentando a bandeira do socialismo e da revolução, com independência de classe, pois o socialismo é o enfrentamento direto com a burguesia, bem diferente do projeto de conciliação, defendido pelo PT, pelo PCdoB e pela maioria da direção do PSOL.

As atividades nos estados contribuem para a construção do Polo como um projeto que deve ser construído por todos os que se disponham a ser parte desse processo, em uma discussão plural, coletiva, aberta. Esse caráter de construção coletiva é muito importante, porque significa a integração ativa desses ativistas, não só através de uma assinatura no Manifesto, o que já é importante, mas como parte da formação e desenvolvimento do Polo em todos os sentidos, em particular na discussão programática.

OCUPAÇÕES POPULARES

Moradores das ocupações Mimax, no Jardim ngela, e Jardim da União, em Parelhinhos, ambas na Zona Sul de São Paulo, se reuniram para



Plenária do Polo no Jardim União, Zona Sul de São Paulo

debater o Manifesto do Polo Socialista e Revolucionário, nos dias 17 e 24 de outubro, respectivamente.

As plenárias discutiram a necessidade de derrubar o governo genocida de Bolsonaro e Mourão, imediatamente, e de apresentar uma alternativa independente, construída pelos trabalhadores e pelo povo pobre, contra a fome, a carestia, o desemprego e os despejos.

“A participação dos ativistas das ocupações e das periferias no Polo Socialista e Revolucionário é parte importante da disputa contra as alternativas burguesas e de conciliação de classe, nos setores mais oprimidos e explorados da classe trabalhadora”, diz Júlia Eid, militante do PSTU da Zona Sul de São Paulo.

“É necessário reunir os ativistas desses setores, realizar debates e plenárias nas ocupações e favelas, discutir o manifesto lançado pelo Polo e ampliar, assim, a propaganda em torno de um programa que defenda

moradia, saneamento básico e o fim do extermínio e do encarceramento em massa dos negros e negras. Um programa que defenda saúde pública de qualidade, inclusive estatizando os hospitais particulares, sob controle dos trabalhadores. Um programa urgente para combater o desemprego, a fome e a carestia”, destacou Júlia.

“É preciso um programa que defenda um governo democrático, dos trabalhadores e do povo pobre, por meio de conselhos populares, com a finalidade de utilizar a riqueza que produzem para satisfazer todas as necessidades dos que trabalham e os mais pobres. Um programa revolucionário e socialista”, finalizou.

PLENÁRIAS EM SANTA CATARINA E PERNAMBUCO

No dia 15 de outubro, foi realizado o lançamento do Polo Socialista e Revolucionário em Santa Catarina. O

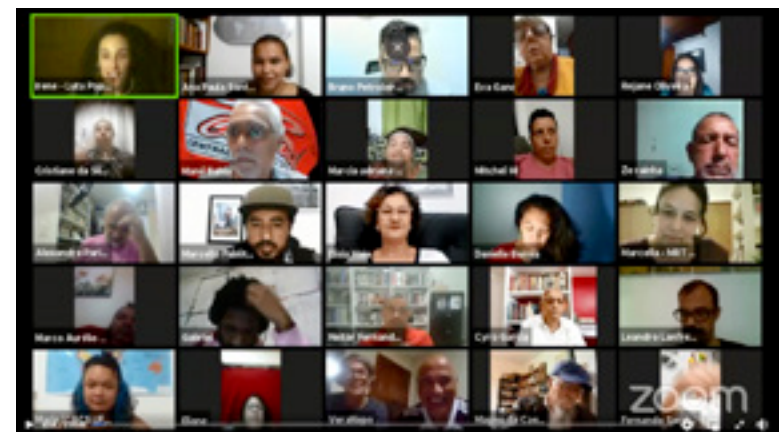
evento contou com a participação de militantes do PSTU, da corrente Revolução Brasileira (PSOL) e ativistas de diversos setores. O debate contou com a contribuição do professor Hertz Dias, militante do PSTU, dirigente de nossa Secretaria de Negros e Negras, e integrante do grupo de hip hop Gíria Vermelha, no Maranhão.

Hertz Dias pontuou que “estão tentando canalizar tudo para eleições de 2022 e é nesse contexto que nasce a ideia do Polo Socialista e Revolucionário, para que a gente possa discutir com esse

setor de vanguarda, uma alternativa para a nossa classe, que não seja meramente através das eleições”.

Já no dia 27, aconteceu a Plenária Estadual de Pernambuco, que contou com a participação de dezenas de ativistas e teve a presença do Zé Maria, presidente nacional do PSTU. No mesmo dia, também foi realizada a plenária no Amapá, contando com dirigentes de movimentos sociais e populares e da ex-candidata do PSTU à Presidência, Vera.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/30GSKC4](https://bit.ly/30GSKC4)



BRASIL COM FOME

PEC dos Precatórios dá calote em trabalhadores e aposentados e libera bilhões para mensalão de Bolsonaro

Depois de acabar com auxílio-emergencial, governo decreta fim do Bolsa Família e institui auxílio previsto para acabar em 2022

DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO

Depois de muito vai-e-vem, a Câmara dos Deputados aprovou em segundo turno, na noite desta terça-feira, 9, a chamada PEC dos Precatórios, por 323 votos a 172. Foi um placar maior que a votação em primeiro turno, quando 312 deputados aprovaram a mudança na Constituição (era necessário o mínimo de 308).

Esse resultado ocorreu após a liberação de pelo menos R\$ 1,4 bilhão em emendas. O deputado Celso Mandaner (MDB-SC) afirmou que, na primeira votação, ofereceram R\$ 15 milhões por voto no plenário. Além disso, Arthur Lira (PP-AL) alterou o regimento e liberou o voto

de deputados licenciados e até mesmo no exterior.

O governo e o Congresso Nacional esperam liberar mais de R\$ 90 bilhões com a medida. Além da alteração no cálculo do chamado teto dos gastos, a PEC institui um calote nos precatórios, as dívidas judiciais da União já julgadas. Dos R\$ 89 bilhões que o governo deveria pagar em 2022, vai pagar só R\$ 40 bi. Entra nesse bolo os chamados precatórios alimentares, as dívidas de pensões, aposentadorias, salários ou indenizações por mortes, inclusive os que hoje têm prioridade no recebimento dessas dívidas, caso de idosos e pessoas com deficiência.

Se hoje já é comum a pessoa morrer antes de receber a dívida de uma revisão de aposentadoria ou pensão, ou até mesmo do BPC (Benefício de Prestação

Continuado), a situação só tende a se agravar com a PEC. A alternativa a quem espera receber esse dinheiro será usar o valor como crédito para abater algum imposto, aceitar parte com ações de estatais, ou um desconto de 40% do valor da dívida.

Enquanto mantém o pagamento dos juros da mal-chamada dívida pública aos banqueiros (só no passado foram R\$ 347 bilhões só em juros segundo o próprio governo), dá o calote em trabalhadores, aposentados e pensionistas. E com a mentira de que esse dinheiro vai para pagar o Auxílio Brasil de R\$ 400 a quem recebia o Bolsa Família.

Bolsonaro, depois de encerrar o pagamento do auxílio-emergencial, decretou o fim do Bolsa Família, cuja última parcela foi paga em outubro. Em seu lu-



gar, instituiu o eleitoreiro Auxílio Brasil, cujo valor é hoje de, em média, R\$ 217, com a promessa de elevá-lo a R\$ 400 com a aprovação da PEC, e com duração até dezembro de 2022. Depois disso, não tem nada garantido.

Além de insuficiente, já que R\$ 400 não paga metade de uma cesta básica, o governo promete atingir 17 milhões de pessoas. Isso é só um quarto dos 67 milhões que recebiam o auxílio-emergencial no ano passado (de R\$ 600 em média), e menos da metade dos 39 milhões que receberam a versão reduzida do auxílio em 2021. Com o fim abrupto

do programa, algo como 22 milhões ficarão ao leu, sem qualquer renda, em meio à mais profunda crise econômica e social do país.

Bolsonaro poderia simplesmente ter estendido o auxílio-emergencial, sem nem precisar de uma PEC. O que está por trás desse calote não é o Bolsa Família turbinado e com prazo para acabar, mas um esquema bilionário de compra de votos via emendas secretas, a fim de manter sua base no Congresso e impulsionar sua campanha eleitoral.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3D9OZZ4](https://bit.ly/3D9OZZ4)

22 MILHÕES JOGADOS AO LÉU

Auxílio-emergencial em 2020	67 milhões de pessoas
Auxílio-emergencial em 2021	39 milhões de pessoas
Auxílio Brasil	17 milhões de pessoas
Bolsa Família	14,6 milhões de pessoas

TOMA-LÁ-DÁ-CÁ

Bolsolão: maior esquema de compra de votos da história



Bolsonaro com o presidente da Câmara, Arthur Lira Foto Marcos Correa/PR

A liberação da grana com o calote nos aposentados e pensionistas deve irrigar as emendas secretas com algo como R\$ 10 bilhões. Essas emendas foram instituídas a partir do ano

passado, e dá ao relator do Orçamento, hoje ao presidente da Câmara, Arthur Lira, o poder de destinar bilhões para comprar deputados como bem entender, sem nem precisar especificar o

destino desse dinheiro. Tudo por debaixo dos panos.

Para se ter uma ideia, as emendas parlamentares normais, que já é um mecanismo institucionalizado de compra de votos, soma hoje R\$ 9,6 bilhões. As emendas de bancada, R\$ 7,3 bilhões. Já as emendas secretas totalizam R\$ 18,5 bilhões. É seguramente o maior esquema de compra de votos da história. Com o agravante de que, sem precisar registrar para onde vai, é muito mais fácil ele acabar direto no bolso dos parlamentares.

Nesse dia 9, o Supremo Tribu-

nal Federal (STF), definiu maioria por suspender as emendas secretas, e abriu uma crise com Lira e o centrão. No entanto, mesmo assim, a PEC passou em segundo turno na Câmara. Isso porque o Congresso Nacional espera rever-

ter essa decisão, no próprio STF, ou simplesmente mudando a rubrica desse dinheiro, passando para o Governo Federal e, de lá, para os deputados. O que se sabe é que esse balcão de negócios bilionários vai continuar.

EMENDAS PARLAMENTARES (2021)

Individuais (senadores e deputados)	R\$ 9,6 bilhões
De bancada	R\$ 7,3 bilhões
Emendas secretas	R\$ 18,5 bilhões

NOVEMBRO NEGRO

20N: Tomar as ruas, com “raça e classe”, contra Bolsonaro, o racismo, a exploração e a fome



WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU

O 20 de novembro deste ano tem um significado muitíssimo especial. É um dia em que vai se confluír a luta contra o racismo, a campanha Fora Bolsonaro e demais lutas da classe trabalhadora. É a oportunidade de colocar nas ruas a discussão sobre uma necessidade histórica: a impossibilidade de separarmos a luta contra a exploração capitalista do combate às opressões.

Esta é uma verdade válida para toda forma de opressão, como o machismo, a LGBTIfobia e a xenofobia, e para qualquer canto de um mundo caracterizado pelo profundo abismo que separa um punhado de bilionários de um oceano de gente cada vez mais pobre naufragada na fome, no desemprego ou nos desastres causados pela destruição do meio ambiente. Tudo isso agravado por uma pandemia

cujo descaso por parte dessa elite provocou, até o momento, mais de 5 milhões de mortes no mundo.

Contudo, é algo particularmente importante em relação ao racismo no Brasil, o país com a maior população negra fora da África, que encanou 388 anos de escravidão que deixaram como herança uma situação que faz com que todos os índices socioeconômicos relativos aos descendentes dos escravizados africanos sejam inferiores aos registrados inclusive nas camadas mais exploradas da classe trabalhadora.

“O TRABALHADOR DE PELE BRANCA NÃO PODE SER EMANCIPADO ONDE O DE PELE NEGRA É ESTIGMATIZADO.”

A frase está em “O Capital” (1867), no qual Marx “deu uma bronca” no movimento operário norte-ameri-



cano, “que ficou paralisado enquanto a escravidão desfigurava” o país, discutindo como a opressão racial, além de inadmissível naquilo que significava em termos de violência cotidiana e de-

sumana, afetava o conjunto da classe trabalhadora.

Primeiro, porque acabava repercutindo no rebaixamento das condições de vida de toda a classe, inclusive dos brancos pobres. Segundo, porque a ide-

ologia racista, criada para justificar a escravidão, era uma espertíssima tática utilizada pela burguesia para, além de lucrar ainda mais com a superexploração de uma enorme parcela da população, dividir a classe operária e, consequentemente, enfraquecer suas lutas.

Passados quase 200 anos, os ensinamentos de Marx não só continuam válidos, mas, inclusive, se tornaram ainda mais necessários, diante do aprofundamento da crise do capitalismo e como isso tem intensificado toda e qualquer forma de opressão, algo particularmente real num país que vive sob um governo fundamentalista, genocida e escandalosamente racista como o de Bolsonaro.

E, por isso mesmo, o 20N tem um caráter tão especial. País afora, os atos podem e devem servir como palcos para a celebração, simultânea, da consciência negra e da consciência de classe.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QVM3CZ](https://bit.ly/3QVM3CZ)

UNIFICAR AS LUTAS

Independência de classe na luta contra o racismo e a exploração

Consciência negra que resgate a tradição de Zumbi, Dandara, Luiza Mahin, Teresa de Benguela e todos os nossos ancestrais quilombolas que entenderam que a luta contra o racismo só pode ser vitoriosa se voltada contra o sistema que o alimenta e dele se beneficia; se for impiedosa em relação aos que colaboram com os poderosos; e construída em torno da solidariedade e unidade com os demais oprimidos e explorados, como ocorria em Palmares, que também abrigava in-

dígenas, brancos pobres e perseguidos pelos colonizadores.

Consciência de classe que levante bem alto a necessidade de derrubarmos o governo Bolsonaro já, e não num distante 2022. Primeiro, porque quem tem fome tem pressa. Segundo porque sabemos que o projeto eleitoral de Lula, do PT, da maioria da direção do PSOL e seus aliados implica manter o cozimento de Bolsonaro em banho-maria para nos servir, no ano que vem, um intragável “governo de unidade nacional”, numa aliança basea-

da na conciliação de classes e na unidade com herdeiros da Casa Grande (leia na página 5).

Um projeto que caminha no sentido oposto da necessidade cada vez mais urgente de unificar trabalhadores e trabalhadoras e suas lutas, superando, inclusive, as ideologias que nos dividem, para a construção de um mundo em que os “de baixo” governem, refletindo toda a diversidade em termos étnico-raciais, orientação sexual, identidade de gênero, origem regional etc., que caracteriza a classe operária.

Por isso mesmo, ao tomarmos as ruas neste 20N, nós do PSTU, juntamente com aqueles e aquelas que estão construindo o Polo Socialista e Revolucionário e nossos aliados nos movimentos popular e sindical, da juventude, de mulheres e LGBTIs, da cidade e do campo, queremos lembrar o porquê de repetirmos com tanta frequência um ensinamento de Malcolm X: “não há capitalismo sem racismo”. Algo que só pode ser entendido em seu duplo sentido, em função do que discutiremos na sequência.



CAPITALISMO

“O inimigo da raça negra é também o inimigo dos trabalhadores brancos.”

Este é um trecho das “Teses sobre a questão negra”, votadas no Quarto Congresso da Internacional Comunista, realizado em novembro de 1922, quando, ainda sob o comando bolchevique de Lênin e Trotsky, o movimento comunista internacional entendia a necessidade de articulação permanente do combate ao racismo à luta anticapitalista, defendendo que isso resultava de uma realidade incontornável: negros e negras e o conjunto da classe trabalhadora têm os mesmos inimigos, o capitalismo e o imperialismo.

O que já era um fato inquestionável há 100 anos hoje está ainda mais escancarado diante da profundidade da crise do sistema, e num país que passa por um processo de recolonização imperialista que tem, no Brasil, como cúmplices e sócios minoritários, empresários, banqueiros e membros do agronegócio.

A “COR” E O GÊNERO DA MISÉRIA, DA FOME E DO DESEMPREGO

Primeiro, é inevitável constatar que corpos negros ocuparam de forma totalmente desproporcional as covas abertas pelo genocida governo Bolsonaro. Em



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3QVM3CZ](https://bit.ly/3QVM3CZ)

Foto: Roberto Parizotti.

2020, na cidade de São Paulo, por exemplo, de acordo com o Instituto Polis, para cada 100 mil pessoas brancas, foram registradas 157 mortes por Covid-19; enquanto dentre negros a relação foi quase o dobro: 250/100 mil.

Já uma pesquisa publicada em 20 de setembro de 2021 pela Rede de Pesquisa Solidária demonstrou que “mulheres negras morrem mais de Covid-19 do que todos os outros grupos (mulheres brancas, homens brancos e negros)”, independentemente da ocupação.

No Brasil, tem muita gente com fome. Em números concretos, de acordo com o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, da Rede Penssan, em 2020 (ou seja, antes mesmo da disparada da inflação e dos preços do botijão de gás e alimentos, além do corte do auxílio emergencial), nada menos que 55% da população brasileira, 116,9 milhões de pessoas, tiveram algum grau de insegurança alimentar e, destas,

19,1 milhões, literalmente, passaram fome.

Ainda segundo o estudo, se é verdade que a fome, em primeiro lugar, tem “classe” e CEP, o que faz, por exemplo, que das 16,1 milhões de pessoas que vivem em favelas, 11,5 milhões sofram com a insegurança alimentar grave, também é impossível fechar os olhos para o quanto o racismo contribui a essa calamidade: 76% das pessoas que passam fome são negras. E, dentre elas, a maioria

é formada por mulheres que chefiavam suas famílias.

Uma situação diretamente relacionada com o desemprego, uma praga que se alastrou pela sociedade na esteira da Covid-19, da reforma trabalhista, da Lei das Terceirizações, no processo de precarização do trabalho. E que atinge, sobretudo, as mulheres negras. Segundo estudo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Simplificação (SMDEIS) do Rio de Janeiro, no primeiro trimestre de 2021 a participação das mulheres negras no mercado de trabalho caiu 9%, passando de 56% para 47%. No mesmo período, mulheres brancas e homens negros enfrentaram queda de 5,9%.

Se isso não bastasse, num país que nos tratou como “coisas” durante quase 400 anos, o genocídio negro foi absurdamente “naturalizado”. Dois dados são lamentavelmente suficientes: segundo o Atlas da Violência/2021, 77% das vítimas de homicídios são negros, e, de acordo com o Monitor da Violência, em 2020, 78% dos mortos pela polícia também estavam entre os nossos.

SAÍDA

Aquilombar, pra libertar negros e negras e unir a classe trabalhadora

Não negros (as) não podem esquecer que não há como lutar contra a exploração, a miséria, o desemprego e a fome sem incorporarmos as demandas e construirmos alianças com aqueles e aquelas que, por terem sido historicamente marginalizados, sentem tudo isso de forma mais perversa e intensa, até mesmo que a maioria dos trabalhadores.

Negros e negras precisam lembrar que para conquistarmos igualdade, liberdade e justiça, de fato, precisamos destruir o sistema que sem-

pre nos negou tudo isso. Uma tarefa que exige consciência quilombola no seu sentido mais profundo: a construção de uma experiência de autogoverno, como escreveu Clóvis Moura, em “Quilombos: resistência ao escravismo”, de 1993.

Um tipo de autogoverno em tudo oposto ao mundo burguês, como foi relatado, com horror, por um capitão-do-mato enviado como espião, em 1677, para dentro de Palmares: “Entre eles tudo é de todos, e nada é de ninguém, pois os

frutos do que plantam e colhem, ou fabricam nas suas tendas, são obrigados a depositar às mãos do conselho, que reparte a cada um quanto requer seu sustento.”

É por essa sociedade que lutaremos no 20N e nas Marchas da Periferia – que, este ano, têm como lema “Não voltaremos para as senzalas nem para os porões da ditadura” –, mas que, também, deve estar no horizonte das lutas cotidianas dos movimentos sindicais e populares, da juventude e de todos os setores sociais.



DEBATE

“Racismo estrutural”: reconhecendo o racismo, sem identificar os racistas!



HERTZ DIAS, VERA LÚCIA E WAGNER MIQUÉIAS, DA SECRETARIA DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU

Dias após a rebelião antirracista nos EUA, em resposta ao brutal assassinato de George Floyd, o ex-presidente Donald Trump declarou que o que estava acontecendo seria fruto do racismo estrutural. Dias antes, Barack Obama havia afirmado a mesma coisa. Declaração semelhante foi dada pelo prefeito de Minneapolis, Jacob Frey.

No Brasil, a grande mídia logo abraçou o mesmo discurso: a culpa era do racismo estrutural. Pouco depois, a bilionária Luiza Trajano disse que chorou quando entendeu o que era racismo estrutural. E após o assassinato igualmente brutal de João Alberto, no Carrefour de Porto Alegre, em 19 de novembro, a direção da empresa declarou que aquilo também seria consequência do racismo estrutural.

Parecia um afinado coro contra o tal racismo estrutural. Afinal, a burguesia estaria esvaziando o conteúdo do conceito ou o conceito que estaria esvaziando o sentido concreto da luta contra o racismo?

RACISMO ESTRUTURAL: O “ÁLIBI PERFEITO” E UMA JANELA ABERTA PARA OS RACISTAS

Falar que no Brasil o racismo é estrutural soa muito radical. Mas, infelizmente, a verdade é oposta a isso. Para usar uma expressão do coordenador do Programa de Direito e Relações Raciais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Samuel Vida, em entrevista a “Folha de S. Paulo”, em 04/02/2021, o conceito de racismo estrutural se tornou um “verdadeiro alibi” para desresponsabilizar indivíduos e instituições que cometem ações racistas, pois o racismo seria algo maior, presente na estrutura (inde-

terminada) de uma sociedade (também indeterminada).

Uma ideia que lembra pesquisa feita pela Universidade São Paulo (USP), em 1988, que revelou que 97% dos entrevistados afirmavam que não tinham preconceito; mas 98% diziam que conheciam pessoas que manifestavam algum tipo de discriminação racial. Isto é: não há racistas no país, mas existe racismo no Brasil.

Em outras palavras, o racismo estrutural seria uma espécie de “mão invisível racista” que pratica o racismo, sem responsabilidade de indivíduos, empresas, nem classes sociais.

Não à toa a burguesia viu nele uma boia para se agarrar: o burguês explora até o talo os trabalhadores negros, financia políticos racistas, privatiza serviços públicos aos quais os negros têm acesso, rouba terras quilombolas, exige mais repressão para proteger suas propriedades e, quando é acusado por qualquer um desses crimes, esse mesmo burguês diz que não é racista porque o racismo é estrutural.

Assim, a burguesia tira de si a responsabilidade pelo racismo e socializa-a com a classe trabalhadora, com os próprios negros e demais setores marginalizados.

RACISMO, FILHO DO CAPITALISMO

Silvio Almeida, teórico que popularizou o conceito no livro “Racismo estrutural” (Editora Pólen, 2019), coloca o mundo de cabeça para baixo quando diz que “a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas” (p. 24-25); pois, não foi o racismo que criou a sociedade contemporânea (capitalista), foi o capitalismo que criou o racismo.

Isso porque, como defendeu Marx, o racismo foi uma ide-



Ato contra o racismo na Zona Sul de SP em 2019 | foto Romerito Pontes



O intelectual Silvio Almeida, que popularizou o termo “racismo estrutural” no país

ologia que a burguesia europeia utilizou para dissimular a escravidão em seus próprios países, enquanto a levava, sem nenhum disfarce, para suas colônias. Isto é, a espoliação da África não foi uma consequência do racismo, o racismo é que foi uma justificativa ideológica para a escravidão negra, uma das dominações mais odiosas da história.

RACISMO E LUTA DE CLASSES

Almeida fala muito pouco sobre as classes sociais e isso tem uma explicação: para ele, além de ser uma originalidade do capitalismo, o Estado não seria controlado por uma classe social, sendo quase uma instituição oca. Assim, não caberia aos trabalhadores

negros e pobres se organizarem para derrubarem o Estado e controlarem a economia do país; mas, sim, ocuparem um lugar no Estado burguês.

Por isso o jurista concluiu, em entrevista para o “Roda Viva”, da TV Cultura, em 22/06/2020, que, à medida que se combate o racismo, a economia (capitalista) se desenvolveria em ambientes mais saudáveis para os empresários conduzirem seus negócios. Como se o racismo fosse uma anomalia do capitalismo e prejudicial à burguesia.

Mas, além de ser bom para os negócios da burguesia, o racismo é utilizado para tentar dividir os trabalhadores em dois campos hostis. Por isso, é fundamental, também, lutar contra todas as manifestações de racismo, inclusive dentro da classe trabalhadora para que possamos unir a classe, para derrubar do poder quem está lá em cima e construir uma sociedade socialista livre da exploração e da opressão.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KPKIOR](https://bit.ly/3KPKIOR)

COP26

Conferência caminha para mais um fracasso, enquanto aquecimento global anuncia o colapso

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Enquanto a COP26 caminha para mais um retumbante fracasso, o mundo está a caminho de níveis desastrosos de aquecimento global muito além dos limites do Acordo de Paris. Isso tudo apesar de uma enxurrada de promessas de redução de carbono dos governos na cúpula climática da ONU realizada em Glasgow, na Escócia. É claro que até o término da conferência, no próximo final de semana, será celebrado algum tipo de acordo para salvar as aparências. Mas isso não vai impedir o colapso climático causado pelo capitalismo.

De acordo com a avaliação do Climate Action Tracker (CAT), uma coalizão de análise climática muito respeitada no mundo, os aumentos de temperatura chegarão a 2,4 °C até o final deste século, com base nas metas de curto prazo que os países estabeleceram. A pesquisa foi publicada em Glasgow, no último dia 9. Isso ultrapassaria em muito o limite superior de 2° C que

o Acordo de Paris estabeleceu, e o limite muito mais seguro de 1,5 °C pretendido nas negociações da COP26.

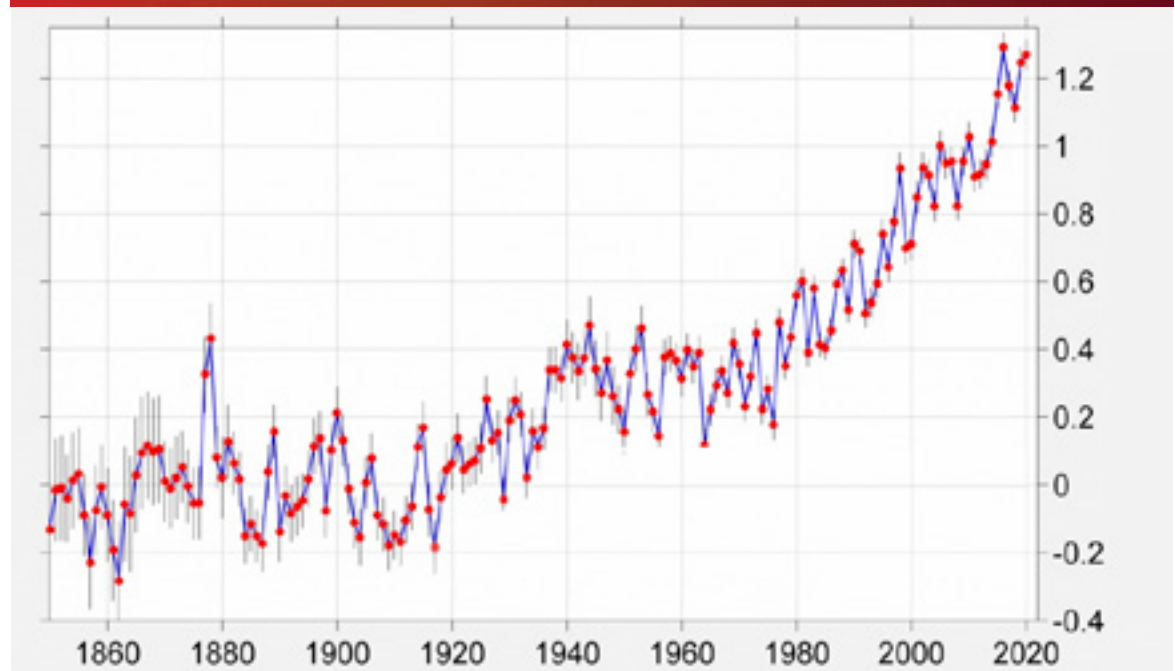
Uma temperatura média de 2,4 °C significa um clima extremo generalizado, com aumento do nível do mar, secas, inundações, ondas de calor e tempestades mais violentas, que causariam devastações em todo o globo.

RUMO AO COLAPSO

Entre 1850 e 2019, os seres humanos lançaram na atmosfera 2.390 bilhões de toneladas de dióxido de carbono (CO₂), sendo que a maior parte dessas emissões (entre 80% e 90%) foi gerada pela queima de combustíveis fósseis (petróleo, gás e carvão mineral).

O resultado foi o aumento médio da temperatura da Terra que, desde 1850, subiu 1.25 °C. Mais da metade da elevação da temperatura ocorreu a partir de 1980 (0.7 °C). E apesar de todos os alertas da ciência, conferências climáticas etc., houve um novo salto a partir de 2014. Os anos 2016 e 2020, respectivamente, foram os mais quentes desde 1850 (confira todo esse pro-

TEMPERATURA MÉDIA GLOBAL 1850-2020



cesso no Gráfico abaixo). O primeiro dos dois períodos tem a desculpa da ocorrência do El Niño (fenômeno cada vez mais intenso e frequente, aliás), cujo efeito é aumentar a temperatura global. Mas em 2020 esse fenômeno não ocorreu. Ao contrário, foi o ano da pandemia e da retração econômica, e mesmo assim as temperaturas atingiram níveis recordes.

Nessa toada, muito provavelmente, antes do final des-

ta década deveremos atingir os pouco mais de 0.25 °C que faltam para cruzar o limite estabelecido pelo Acordo de Paris. Manter a temperatura entre 1.5 e 1.9 °C significaria administrar as mudanças climáticas um pouco mais severas do que se apresentam hoje. Mas vale lembrar que em toda a sua história a humanidade nunca enfrentou um aumento da temperatura média global como este. Acima de 2 °C já pode signi-

ficar um passo para acionar pontos de ruptura do sistema Terra, como a transformação da Amazônia numa savana degradada e a liberação do gás metano do permafrost, um solo permanentemente congelado que existe no extremo norte da Rússia e Canadá. Acima de 3 °C é o fim do sistema e da biosfera tal como conhecemos.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3C5L21F](https://bit.ly/3C5L21F)

“MUDANÇA DE SISTEMA, NÃO MUDANÇA CLIMÁTICA”

Nas ruas contra a catástrofe climática

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Enquanto a COP26 reunia chefes de Estado e muitos empresários que procuram ganhar algum dinheiro com soluções inúteis para reverter a catástrofe climática, a juventude de vários países presente na conferência tem protagonizado mobilizações e atos de rua duran-

te o evento. No último dia 5 aconteceu uma passeata convocada pelo movimento Fridays for Future, em que os jovens continuam pedindo mais ação e menos blá, blá, blá. “Ao grito de ‘O povo unido jamais será vencido’ e ‘O que queremos? Justiça climática. Quando a queremos? Já!’”, caminhavam muitos jovens de povos indígenas da Amazônia, de outras regi-

ões da América Latina e da Ásia e também ativistas de diferentes países africanos, que encabeçaram a comitiva desse protesto”, explicou um reportagem do jornal El País. A jovem Greta Thunberg continuou dizendo em seu discurso que é tudo blá, blá, blá e que a COP26 é um verdadeiro fracasso. Disse também que os verdadeiros líderes são as pessoas que





participam dos protestos e que “as vozes das gerações futuras estão sendo ignoradas com as falsas promessas”. No dia 7 mais de 100 mil tomaram as ruas de Glasgow novamente para denunciar a farsa da COP26.

Apoiamos e incentivamos os protestos da juventude nas ruas e seguimos afirmando que a saída está na mobilização e na luta, pois os ricos e seus representantes vão continuar fazendo lindos discursos e

não cumprindo as promessas e acordos que estão encenando na COP26. Este é o 26º fracasso em mais de três décadas de enrolação.

A verdadeira saída está no rompimento definitivo com esses enganadores e a organização independente da juventude em aliança com os/as trabalhadores/as e o povo pobre do planeta, a destruição do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista. A conclusão a que devemos chegar é que

o capitalismo é incompatível com a proteção do planeta, e a defesa da vida só pode estar nas mãos de quem sofre as consequências de sua destruição. Só uma sociedade em bases socialistas pode estabelecer as condições para colocar em prática um plano para impedir o colapso ambiental, o que os capitalistas são incapazes de garantir. Por isso, têm razão os ativistas que dizem: “Mudança de sistema, não mudança climática!”

BRASIL

Bolsonaro volta a mentir sobre proteção do meio ambiente

O maior inimigo do meio ambiente e da ciência no Brasil é Jair Bolsonaro. Mesmo assim, depois de propagar dezenas de declarações negacionistas contra a vacina da Covid-19 e a comunidade científica, ele concedeu a si a Medalha de Ordem Nacional do Mérito Científico no último dia 4. Mas tão absurda quanto sua autopremiação foram as promessas feitas por Bolsonaro à COP26, dizendo que o Brasil vai ser um “líder de uma nova agenda verde mundial”.

Em 25 de outubro de 2021, antes da conferência mundial, o ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, lançou um “Programa Nacional de Crescimento Verde”. Na COP26, a delegação brasileira apresentou novas metas de conservação florestal e se comprometeu a acabar com o desmatamento ilegal até 2028. Mas tudo isso é conversa fiada. Nenhuma dessas medidas prevê qualquer plano operacional para sua implementação ou explica como vai cumprir as metas.

REALIDADE

Desde que assumiu, Bolsonaro cortou em 93% os gastos para estudos e projetos de mitigação e adaptação às mudanças climáticas. Seu governo tem sistematicamente enfraquecido a fiscalização ambiental, encorajando, na prática, a atuação de redes mafiosas que impulsionam o desmatamento e que usam da violência contra os defensores da floresta. E, muitas vezes, se confraterniza com os responsáveis por esses ataques.

Não por acaso, as taxas de desmatamento na Amazônia brasileira aumentaram dramaticamente durante os primeiros dois anos do seu governo. Entre 31 de outubro e 5 de novembro, nos primeiros seis dias da COP 26, mais de 9 milhões de árvores foram ao chão na Amazônia brasileira. No total foram derrubadas, até agora, mais de 471 milhões de árvores desde 1º de janeiro. O balanço dos 11 meses aponta que 1.539.970 árvores tombaram a cada dia, o que significa 1.059 árvores por minuto ou 17 por segundo. Os números são do monitor de desmatamento do Plena-Mata e podem ser conferidos na internet. Esse é o retrato de um governo criminoso que agora jura defender o meio ambiente e lutar contra as mudanças do clima.

A verdade é que o desmatamento na Amazônia Legal em 2021 já se aproxima de 800 mil hectares (8 mil km²), segundo os alertas do sistema Deter do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). A área derrubada equivale à da cidade de São Paulo e Região Metropolitana, que reúne 39 municípios.

O absurdo de Bolsonaro é tamanho que mesmo outros líderes dos governos capitalistas rejeitaram encontros ou conversas com o presidente brasileiro, reforçando a imagem do Brasil como um pária internacional.

E do lado de fora da COP26, ativistas ambientais concederam um “antiprêmio” a Bolsonaro por seu tratamento “horível e inaceitável aos povos indígenas”: o denominado “Fóssil do dia”. A premiação é conce-



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3C5L21F](https://bit.ly/3C5L21F)

dida de forma irônica durante as conferências climáticas da ONU. Bolsonaro levou o prêmio por criticar a ativista indígena Txai Suruí, da etnia Paiter Suruí, que em seu pronunciamento na COP26 chamou a atenção do mundo ao lembrar que os povos originários são os que mais sofrem com o aquecimento global. “Os povos indígenas estão na linha de frente da emergência climática. Por isso devemos estar no centro das decisões que acontecem aqui”, discursou. Após os ataques de Bolsonaro, sua milícia digital lançou inúmeras ameaças a Txai Suruí.

LEIA MAIS

Revista explica como capitalismo provoca o colapso ambiental



Não dá para impedir o colapso ambiental sem acabar com o capitalismo. Se quiser saber mais, leia a edição especial da revista Correio Internacional, que reúne artigos que aprofundam sobre todos os problemas que o sistema capitalista está produzindo para a vida no planeta. Baixe a revista [aqui](#)

MAPA DA EXPLORAÇÃO

Ilaese lança estudo inédito sobre a realidade dos trabalhadores e do país, sob ponto de vista marxista

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

O Instituto Latino-Americano de Estudos Socioeconômicos (Ilaese) lançou, no dia 3 de novembro, o terceiro número de seu Anuário Estatístico: O mapa da exploração dos trabalhadores no Brasil e no Mundo. Trata-se de uma iniciativa inédita a serviço da organização e da luta da classe trabalhadora no país. Inédita por vários motivos.

Em primeiro lugar, por ser uma tentativa de superar uma limitação comum na tradição marxista das últimas décadas. A limitação é a seguinte: utilizamos um discurso teórico abstrato marxista, quando falamos – no geral – de mais-valia, exploração, classes sociais e da revolução socialista. Mas quando tal análise é materializada no presente, falamos apenas de PIB, INPC, inflação, desemprego etc.. Ou se recorre a frases muito genéricas como “a vida está cada vez pior”.

O problema é que não é suficiente indicar a miséria, a carestia e por aí vai. Devemos ser capazes de vincular essas mazelas à necessidade do socialismo e da revolução como única saída consistente para elas. Esses índices que encontramos corriqueiramente, os chamados índices econômicos, estão baseados em metodologias burguesas. Principalmente o liberalismo e o keynesianismo. Os liberais acreditam ser possível resolver os problemas do capitalismo reduzindo o Estado. Os keynesianos acreditam que o capitalismo tem cura, desde que o Estado intervenha de maneira certa e adequada. Nos dois casos, os números que eles produzem não revelam a verdadeira natureza



da forma social capitalista, mas a encobrem.

No esforço por superar esse quadro, o Anuário Estatístico do Ilaese oferece uma nova metodologia, ao apresentar os números de formas bem distintas. A sociedade é dividida não em indivíduos isolados com uma dada renda, mas em classes sociais. Demole-se a ideia burguesa oficial de desemprego, mostrando os desempregados como sendo uma pequena parcela do exército industrial de reserva. No Brasil, para cada trabalhador com emprego formal, temos dois no exército industrial de reserva.

No lugar da figura amorfa do PIB, mostramos as relações entre os distintos setores do capital e sua conexão: o Estado, a indústria, o comércio, os serviços e os bancos. O Estado não é contraposto ao mercado, mas indica-se como o mercado necessita do papel ativo do Estado como seu guardião e salvador. O mecanismo da dívida pública é apresentado não como algo agregado de fora por capitalistas malvados, mas como parte integrante da natureza do capital. O sistema capitalista inteiro é apresentado como a constante luta entre

os distintos setores do capital para se apossarem de uma parcela da riqueza produzida pela classe trabalhadora.

RANKING DE EXPLORAÇÃO E ANÁLISE DO PAÍS

Para tornar essas informações acessíveis à massa de trabalhadores, além dos dados gerais apresentados com esses novos critérios, o anuário exibe ainda rankings de exploração, produtividade, remuneração. Mostra a divisão do trabalho excedente produzido pela classe trabalhadora em lucro, impostos para o Estado e juros para os bancos. Mostra ainda a redução constante dos gastos públicos da União, estados e municípios em serviços essenciais como saúde, educação, pessoal e seu direcionamento à iniciativa privada por meio da terceirização e da dívida pública.

Em resumo, nossa metodologia não cria generalizações para ocultar a realidade e a exploração da classe trabalhadora, mas mostra a realidade por trás das generalizações dos números. Em nossos artigos, ela será aplicada para respon-

der à questão fundamental de “por que tudo está cada dia pior”, ou seja, por que o Brasil está a descer a ladeira na divisão internacional do trabalho e no sistema internacional de Estados. Principalmente agora diante das novas transformações tecnológicas chamadas de Indústria 4.0. São examinadas as transformações na indústria, na conformação da classe trabalhadora, no comércio e nos serviços. A regressão do país é ilustrada com um exame atual do papel do trabalho altamente qualificado e do ensino superior, bem como examinadas as consequências do avanço da reprimarização

da economia nacional. Ao final, arriscamos algumas hipóteses sobre o futuro do Brasil à luz desse quadro.

O anuário encontra-se disponível para venda em sua versão digital e física. O instituto coloca-se, ainda, à disposição para vendas em maior quantidade a sindicatos e movimentos sociais. Esperamos, assim, contribuir para as tarefas e necessidades colocadas para a classe trabalhadora brasileira. Em particular, superar o abismo entre a identificação dos problemas e a necessidade de uma revolução socialista como solução.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3EVUGPM](https://bit.ly/3EVUGPM)

SERVIÇO

Para comprar a versão online

Para comprar a versão online



Compre a versão física



- Nova metodologia para analisarmos a relação entre o Estado e o capital privado
- Regressão do Brasil na divisão internacional do trabalho
- Impactos da Indústria 4.0
- Dados de Exploração nas maiores empresas do Brasil e do mundo e muito mais!

Entre em contato: via email: ilaese@ilaese.page ou via Whatsapp: (31) 9697-4672

ESTADOS UNIDOS

Onda de greves estremece o coração do capitalismo



WILSON HONÓRIO DA SILVA,
DA SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO DO PSTU (*)

Nos últimos meses, ondas sucessivas de greves têm sacudido os Estados Unidos e, apesar de suas diferentes reivindicações e dinâmicas, algumas características comuns são importantes para que se tenha uma ideia de como a crise global do capitalismo tem afetado seu “coração”.

Há, por exemplo, um significativo aumento no número de paralisações em relação às décadas anteriores. Além disso, também ao contrário do período anterior, a maioria das greves concentra-se nos setores privados (e não públicos), com importante destaque para os setores industriais, particularmente de transformação (alimentação, máquinas e equipamentos, por exemplo).

Estas greves, também, têm caráter centralmente econômico, de resistência aos ataques neoliberais, envolvendo questões como a luta por salários e melhores condições de trabalho; manutenção do emprego e de direitos conquistados; ou contra mecanismos de precarização do trabalho, mescladas com temas como o das opressões, principalmente de mulheres e imigrantes. Da mesma forma, quase que invariavelmente, têm se enfrentado com a burocracia sindical.

EM DEFESA DOS DIREITOS E DA ORGANIZAÇÃO PARA LUTAR

Iniciada em 6 de outubro e ainda em curso, a greve dos 1.400 trabalhadores da Kellogg's, uma das maiores fabricantes de cereais do país, de certa forma sintetiza o processo. Motivada pelas ameaças de cortes de direitos e a implementação do “sistema de dois níveis” (pagamento diferenciado para trabalhadores na mesma função), o fôlego e combatividade da paralisação refletem movimentos recentes em outras gigantes do setor e de outras categorias.

Em julho, a Frito-Lay (divisão da Pepsi, que fabrica sal-

gatinhos) encarou 19 dias de greve contra o abuso na exigência de horas-extras e a tentativa de aumento da jornada de trabalho. Entre o início de agosto e 18 de setembro, motivos semelhantes, além do corte de direitos, provocaram a paralisação das atividades da Nabisco (biscoitos e doces), em cinco estados.

Já a tentativa de impor uma “jornada especial” nos fins de semana levou os 400 trabalhadores da fabricante de bourbon (uísque) Heaven Hill, no Kentucky, a paralisarem a empresa por seis semanas, durante as quais se enfrentaram com outra característica deste processo: a utilização fura-greves ou a tentativa de substituir os trabalhadores grevistas por contratados precarizados.

MOVIMENTOS DE PROPORÇÕES E SIGNIFICADOS HISTÓRICOS

Alguns destes movimentos merecem destaque não só pela dimensão que alcançaram, mas, também, pela radicalidade e “lições” que estão dando. Este é o caso da John Deere, onde o movimento ainda em curso, iniciado em 13 de outubro, atingiu 12 fábricas, em três estados, envolvendo 10 mil trabalhadores, impressionando, também, pelo nível de organização, exercício da democracia da base e, conseqüentemente, enfrentamento com a fossilizada burocracia sindical (no caso a UAW, que representa trabalhadores dos setores automobilístico, aeroespacial e de implementos agrícolas).

Iniciado em protesto contra a proposta da empresa em oferecer um aumento abaixo da inflação, além do corte de pensões para novos contratados e implementação do “sistema de dois níveis”, o movimento já rejeitou dois acordos. No último, a empresa oferecia dobrar o aumento imediato do salário, aumentar os benefícios



da aposentadoria e manter as pensões para qualquer trabalhador contratado após a assinatura do acordo.

A proposta foi recusada por não incluir a garantia de seguro-saúde para os aposentados, manter o sistema de “dois níveis” e, também, como discutido em materiais publicados pelos grevistas, pela consciência de que as concessões são migalhas para uma empresa que, somente em agosto, lucrou 5,9 bilhões de dólares e deu um aumento de 160% para o seu presidente, em 2021.

Outro movimento exemplar foi protagonizado pelos mais de 2 mil carpinteiros da região de Seattle (Washington), que entraram em greve, em 16 de setembro, contra a Associação Geral dos Empregados, depois de rejeitarem quatro acordos, negociados, de cima pra baixo, pelo sindicato da

categoria. As reivindicações centrais eram aumento salarial, pensões e seguro-saúde, segurança no trabalho e medidas contra o assédio sexual.

A greve, encerrada em 12 de outubro, foi a maior desde 2003, e apesar de ter resultado em conquistas parciais, também teve como saldo a formação de uma organização de base, chamada Grupo Peter J. McGuire, em homenagem a um socialista fundador do sindicato da categoria, no século 19, que se propõe organizar a oposição à burocracia sindical.

A NECESSÁRIA SOLIDARIEDADE PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

Esses são apenas alguns dos exemplos mais expressivos. Há paralisações locais, processos em fase de organização (como na Kaiser e dentre professores da Califórnia) e, ainda, movimentos que

estão rolando há tempos, como a greve dos caminhoneiros da empresa de bebidas Johnson Brothers, iniciada em maio passado.

Também vale destacar que uma característica recorrente nestes movimentos é a tentativa da patronal em jogar os trabalhadores contra seus irmãos e irmãs de classe em outros países. Foi assim no caso da Kellogg's e da Nabisco, por exemplo, onde as empresas tentaram usar a transferência das fábricas para o México como chantagem.

Já a greve, de duas semanas, no final de setembro, na fábrica de equipamentos aeroespaciais Senior Aerospace SSP (que também tem unidades no México), serviu como importante exemplo da necessidade de construção de redes de solidariedade e luta entre os trabalhadores empregados em países mundo afora.

Uma necessidade que, sabemos, extrapola as categorias em si e deve ser abraçada por trabalhadores e trabalhadoras de todo mundo. Os motivos das greves são exemplos do caráter internacional da exploração capitalista, mas as lutas e suas lições devem servir como exemplos de que somos uma mesma classe, em qualquer lugar do mundo.

(*) Com informações do Workers' Voice/La Voz de Los Trabajadores, seção norte-americana da Liga Internacional dos Trabalhadores

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3CGLLQX](https://bit.ly/3CGLLQX)

BRUTALIDADE

Polícia Militar busca por seu próprio George Floyd

Imagens de uma câmera, gravadas no dia 5 de novembro, na cidade mineira de Itabira, trazem cenas cada vez mais repetidas, aqui e no mundo: dois policiais militares subjugam uma mulher negra, a imobilizam e, no chão, prendem seu pescoço com o joelho, o mesmo golpe que tirou a vida de George Floyd, nos Estados Unidos. Com um detalhe cruel: a jovem de 18 anos estava ao lado dos filhos, um deles em seus braços.

Durante a agressão, enquanto o bebê permanecia

no colo da mãe, outro filho, uma criança, se lançou contra os PM's, tentando impedir a continuidade do espancamento, mas foi repellido de forma violenta por um dos policiais. Transeuntes protestaram contra as agressões, mas os policiais não recuaram e, ainda, ameaçaram os populares com um fuzil.

A PM alega que o fato ocorreu durante a prisão de um casal, por porte ilegal de arma. Segundo a versão da polícia, a mulher teria usado o bebê como “escudo huma-

no” para impedir a apreensão da arma. Nas imagens, porém, não se pode ver qualquer arma ou munição; mas, sim, uma jovem mulher negra com seus filhos nos braços, sendo agredida e humilhada pela Polícia Militar.

Em maio passado, um caso parecido ocorreu em São Paulo, capital, quando um PM pisou sobre o pescoço de uma mulher negra durante uma ocorrência, num bar da Zona Sul. Ao que parece, a PM busca, com afinco, por seu próprio George Floyd.



NEGACIONISMO

Bolsonaro, patrono da Ciência, é escárnio

Na quinta, 4 de novembro, Bolsonaro concedeu a si próprio, por decreto, o título de Grão-Mestre da Ordem Nacional do Mérito Científico, uma “tradição” inventada por Fernando Henrique e já repetida por Lula, Dilma e Temer.

Contudo, no caso específico do atual presidente, o que já era de um cinismo surreal, ficou ainda mais grotesco e revoltante, considerando o significado o que é receber um título de mérito científico

co após ser o responsável direto por centenas de milhares de mortes devido ao seu negacionismo e boicote explícito às medidas recomendadas pela Ciência,

Além disso, o presidente ainda retirou a comenda de dois cientistas que estavam na lista de homenageados. Um deles é Marcus Vinícius Guimarães, médico sanitário da Fiocruz, que dirigiu o 1º estudo que comprovou a ineficácia da cloroquina para o combate à COVID-19. A outra, é a médica Adele Benzaken, ex-diretora do Departamento de HIV/Aids do Ministério da Saúde que, em 2019, foi demitida após a publicação de uma cartilha vol-

tada para homens transexuais.

Diante da situação estapafúrdia, 21 homenageados recusaram o título. Na carta divulgada de forma unitária, os cientistas afirmam que “a homenagem oferecida por um governo federal que não apenas ignora a ciência, mas ativamente boicota as recomendações da epidemiologia e da saúde coletiva, não é condizente com nossas trajetórias científicas. Em solidariedade aos colegas que foram sumariamente excluídos da lista de agraciados, e condizentes com nossa postura ética, renunciamos coletivamente a essa indicação”.

38 professores eméritos da Universidade Federal do Rio

de Janeiro também divulgaram nota, protestando contra a exclusão dos dois cientistas. “Essa atitude indigna é marca de governos autoritários, condizente com o negacionismo do atual governo, que, durante a pandemia de COVID-19, se posicionou e agiu contra todas as recomendações científicas dos especialistas em saúde pública do país. Somado a isso, cortes financeiros abusivos vieram sufocar o financiamento das universidades e centros de pesquisas brasileiros, mostrando a sua total falta de visão e desprezo pela ciência e pelo próprio desenvolvimento do país”, afirma a carta.



NEGACIONISMO 2

Para o governo, sua vida não vale uma nota de R\$ 200

Prioridades. Para o governo Bolsonaro a campanha de divulgação da nova nota de R\$ 200, que representa 1% da circulação, é mais importante que campanhas de prevenção contra a COVID. Enquanto o governo, através da SECOM (Secretaria Especial de Co-

municação Social), gastou R\$ 18,8 milhões para falar de uma nota que, nem eu que estou escrevendo nem você que está lendo, nunca vamos pegar, gastou míseros R\$ 14,4 milhões com os anúncios sobre medidas de cuidados durante a pandemia. Anúncios esses que,

também, nunca vimos.

Outras campanhas que tiveram muito mais dinheiro que a de combate à pandemia: “Cuidado Precoce da COVID-19”, com R\$ 18,5 milhões; “Brasil no exterior”, com R\$ 27,9 milhões; e “Agenda Positiva Regional”, com R\$ 39,3 milhões.



MÚSICA

Marília Mendonça: “De mulher pra mulher”



MANDI COELHO, DO REBELDIA
JUVENTUDE DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Não há quem não tenha ouvido falar de Marília Mendonça nos últimos dias. Aqui, quero falar dela como uma mulher que, tendo sua mesma idade, aprendeu a admirá-la e respeitá-la em um espaço não discutido pela grande mídia: o das lutas.

2015 foi um ano intenso. E também foi quando iniciei minha trajetória no PSTU. No Paraná, fizemos greves, ocupamos a reitoria da Universidade Federal, lutamos contra a privatização dos hospitais universitários e fizemos umas três caravanas para Brasília. E, lá do Sul, eu olhava para São Paulo, onde os estudantes secundaristas estavam ocupando escolas, em luta contra o governo Alckmin.

Quando iniciamos 2016, as ocupações haviam se alastrado pelo país, em especial pelo Rio de Janeiro. E lá fui eu pra capital carioca, onde pude ver que, assim como em São Paulo, a linha de frente era de mulheres, negros(as) e LGBTIs.

FEMINEJO, CONSCIÊNCIA E PROTAGONISMO DAS MULHERES

Mas, o que isso tem a ver com Marília Mendonça? Foi nesse mesmo ano que explodiu o primeiro grande “hit” da cantora, “Infel”. E foi nas ocupações, na periferia do Paraná, que eu conheci a música, ao lado de sucessos de outras cantoras sertanejas, como Naiara Azevedo, e Maiara e Maraísa. Um “fenômeno” que passou a ser chamado de Fêmeinejo, em referência ao protagonismo que, pela primeira vez, as mulheres assumiam nos palcos e, também, nos temas e letras das músicas deste gênero há muito dominado por homens.

Não digo que o Fêmeinejo surgiu como expressão das lutas dos oprimidos. Mas, mas “ousar” usar os mesmos critérios de Marx, Lênin e Trotsky, quando estes defendiam que a produção artístico-cultural reflete e dialoga, sempre de forma distorcida, com o que se passa na realidade. Se o gênero bombou é porque havia uma geração de mulheres jovens buscando formas para expressar “outra” consciência, fruto de suas lutas, rebeldia e organização.

Não interessa se foi o Fêmeinejo que deu voz a mulheres e meninas que estiveram em luta ou vice-versa. Foi um processo de mão-dupla. O fato é que, nos palcos e nas escolas (e, inclusive, no movimento), mulheres jovens exigiam protagonismo em espaços dominados por homens, onde não raramente estavam sujeitas ao assédio e à violência.

SOLIDARIEDADE E PROTESTO

No universo de Marília, cercado por rodeios e alimentado por shows onde a mulher é sexualizada e “coisificada”, não se pode negar que ela foi uma inspiração, compondo outro retrato sobre nós. Não cantou a “amante” a serviço dos homens, mas a mulher que ama, é amada ou é “infel”, se não correspondida. Uma mulher que, enfim, é mais senhora de si própria, não inferior ou submissa.

Não é de se desprezar, por exemplo, que em sua primeira “live” durante a pandemia, acompanhada por milhões, Marília tenha aparecido de pijama, sem maquiagem. Algo “simples”, mas que conquistou o coração e a empatia de mulheres que se fortaleceram, também, através de músicas que, nos shows, eram entoadas num tom de protesto e solidariedade, algo particularmente forte em “Supera”: “(...) Te usa e joga fora / O que ‘cê tá passando, eu já passei e eu sobrevivi (...) / De mulher pra mulher, supera”.

Além disso, ela também não se omitiu. Em 2018, por exemplo, falou abertamente contra Bolsonaro e usou o hashtag “#EleNao”. E, quando errou, procurou se corrigir de forma realmente exemplar. Em 2020, quando fez um comentário transfóbico numa live, assumiu que sua postura era injustificável e, por isso, abriu espaço, em outra live, para que Alice Felis,



uma mulher trans que foi espancada quase até a morte, no Rio, contasse sua história.

AMIGA, CONFIDENTE, “COMPANHEIRA”

Diante de sua morte não faltaram elogios “exagerados” em relação ao seu papel na história da música nem posturas como a de um colunista da Folha de S. Paulo, Gustavo Alonso, que decidiu apresentá-la como uma “gordinha que brigava com a balança”; ou seja, destacando exatamente aquilo que Marília desafiou e lutou contra.

Mas, ser fã não significa não ter críticas. Acredito, por exemplo, que Marília, como reflexo

de sua própria história, adotava uma perspectiva bastante individualizada. Mesmo que suas letras conseguissem pintar o machismo como “algo social”, que tem que ser desafiado, não ia muito além disso, deixando a “solução” quase que inevitavelmente nas mãos das próprias mulheres e diante de suas relações afetivas e pessoais, e, não, contra todo um sistema que o alimenta e dele se beneficia dele. Isso, no entanto, não me impede de admirá-la.

Acredito que, hoje, há muitas, assim como eu, que acreditam que a melhor forma de a homenagear será continuando na luta pra que surjam novas

gerações de mulheres, cada vez mais fortalecidas e donas de si. Mulheres sertanejas, rappers, roqueiras, sambistas ou o que quer que elas queiram ser. Inclusive militantes, dispostas a lutar por construir gerações que se autodeterminem e lutem pela libertação não só de mulheres, mas de todos os explorados e oprimidos.

E até mesmo pelo fato de que o início da minha trajetória e de outras tantas a teve como trilha, só posso dizer uma coisa: “Obrigada por ter sido parte de tudo isso, Marília!”

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3KRM0UZ](https://bit.ly/3KRM0UZ)